

XX V I

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

O Brasil prosseguia na sua marcha evolutiva, sob a carinhosa direção de D. Pedro II. Estadistas notaveis pelo seu amor á causa publica, assistiam os nobres afazeres do imperador, caracterizando as suas atitudes e as suas ações, dentro dos mais sagrados interesses pelo bem coletivo.

Haviam terminado os movimentos belicos da guerra com o Paraguay e o país voltava a respirar os ares da esperança.

Por essa epoca, e nos anos posteriores, todos os espiritos cultos da patria se levantaram com desassombro, para amparar o movimento abolicionista.

Os genios tutelares do mundo espiritual inspiravam a todos os politicos e escritores, e se havia fazendeiros que constituiam o mais serio sustentaculo da escravidão, dentro das classes conservadoras outros existiam, como inumeros

deles no Amazonas e no Ceará, que alforriavam os seus servidores, nos mais belos gestos de filantropia.

As falanges de Ismael possuíam colaboradores determinados no movimento libertador, como Castro Alves, Luiz Gama, Rio Branco e Patrocínio. A própria princesa Isabel, cujas tradições de nobreza e bondade jamais serão esquecidas no coração do Brasil, viera ao mundo com a sua tarefa definida no trabalho santificante da abolição. Os espiritos em prova no cárcere da carne, se têm a sua bagagem de sofrimentos expiatorios e depuradores, têm igualmente a possibilidade necessaria para o cumprimento de deveres meritorios, aos olhos misericordiosos do Altissimo.

Todos os espiritos se inflamavam ao contacto das grandes idéias de liberdade. Publicações e discursos, dentro da amplitude que a opinião da crítica conquistara nos tempos do Imperio, exortavam as calsses conservadoras ao movimento de emancipação de todos os cativos.

D. Pedro se reconfortava com essas doutrinações das massas, no seu liberalismo e na sua bondade de filosofo. Desejaria antecipar-se ás ações ideologicas, decretando a liberdade suprema de todos os escravos, mas os terri-
veis exemplos da guerra civil que ensanguen-
tara os Estados Unidos da America do Norte durante longos anos, no movimento abolicio-

nista, faziam-no rezear a luta das multidões apaixonadas e delinquentes. Foi, assim, com especial agrado, que acompanhou a deliberação de sua filha, sancionando a lei do ventre livre a 28 de setembro de 1871, que garantia no Brasil a extinção gradual do cativo, através de processos pacíficos. Seu grande coração, no círculo das suas impressões divinatorias, sentia que a abolição se faria nos derradeiros anos do seu governo e, com efeito, a lei do ventre livre não bastara aos espíritos exaltados no sentimento de amor pela abolição completa. Quase todas as energias intelectuais da nação se encontravam mobilizadas a serviço dos escravos sofredores. O ambiente geral era de perspectiva angustiosa e de profundas transições na ordem política. A idéia republicana consolidava-se cada vez mais no espírito da nacionalidade inteira. O bondoso imperador nunca lhe cortara os voos prodigiosos no coração das massas populares; aliás, alimentava-os com os seus levantados exemplos de democracia.

Nos espaços, Ismael e suas falanges procuravam orientar os movimentos republicanos e abolicionistas, com alta serenidade e esclarecida prudência, no propósito de evitar os abomináveis derramamentos de sangue, nos desvarios fratricidas.

Por essa época, possuía já Ismael a sua célula construtiva da obra do Evangelho no Bra-

sil, célula que hoje projeta a sua luz da Federação Espirita Brasileira, e de onde, espiritualmente, junto dos seus companheiros desvelados, procurava unir os homens na grandiosa tarefa da evangelização. Esperando o ensejo de se fixar na instituição venerável que lhe guarda hoje as tradições e continua o seu santificado labor, ao lado das criaturas, a célula referida permanecia com Antonio Luiz Sayão e Bitencourt Sampaio, desde 24 de Setembro de 1885, até que Bezerra de Menezes com os seus elevados sacrifícios e indescritíveis devotamentos eliminasse as mais sérias divergências e aplainasse obstáculos, com as suas inexgotáveis reservas de paciência e de humildade, consolidando a Federação para que se formasse uma organização federativa. Enquanto lá fora, muitos companheiros da caravana espiritual se deixavam levar por inovações e experiências fóra dos preceitos evangelicos, o Grupo Ismael esperava uma época de compreensão mais elevada e de mais harmonia para o desdobramento de suas preciosas atividades. Todavia, nas lutas pesadas do mundo, Bezerra de Menezes era o impavido desbravador, no seu apostolado de preparação, fraternizando com todos os grupos para conduzi-los, suavemente, á sombra da bandeira do grande emissario de Jesus.

Ismael trasia, então, a sua atenção carinhosa voltada para a solução do problema abolicio-

nista, que deveria ser resolvido dentro da harmonia de todos os interesses e longe do sangue das guerras civís. Confiando ao Senhor as suas angustiosas expectativas, falou-lhe o Mestre brandamente: —

— “Ismael, o sonho da liberdade de todos os cativos deverá ser concretizado, agora, sem perda de tempo. Prepararás todos os corações, afim de que as nuvens sanguinolentas não possam manchar o solo abençoado da região do Cruzeiro... Todos os emissarios celestes deverão reunir esforços nesse proposito e, em breve, teremos a emancipação de todos os que sofrem os duros trabalhos do cativeiro na terra bendita do Brasil...”

O grande enviado redobrou as suas atividades nos bastidores da politica administrativa.

A estatistica official de 1887 accusava a existencia de mais de setecentos e vinte mil escravos em todo o país. O ambiente geral era de apreensões em todas as classes, considerando-se a expectativa da promulgação da lei que extinguiria a escravidão para sempre, o que constitua um duro golpe na fortuna publica do Brasil. Mas Ismael articula do Alto os elementos necessarios á grande vitória. O generoso imperador é afastado do trono nos primeiros meses de 1888, sob a influencia dos mentores invisiveis da patria, permanecendo a Regencia com

a princesa Isabel, que já havia sancionado a lei benéfica de 1871. Sob a inspiração do grande mensageiro do Divino Mestre, a princesa imperial encarrega o senador João Alfredo de organizar um novo ministério, o qual se compõe de espíritos nobilíssimos do tempo. Os abolicionistas consideram a sua possibilidade maravilhosa e a 13 de maio de 1888 é apresentada á regente a proposta de lei para a imediata extinção do cativo, que D. Isabel cercada de entidades angelicas e misericordiosas sanciona, sem hesitar, com a nobre serenidade do seu coração de mulher.

Nesse dia inesquecível, toda uma onda de claridades compassivas descia dos céus sobre as vastidões do norte e do sul da patria do Evangelho. Ao Rio de Janeiro afluem multidões de seres invisíveis, que se associam ás gloriosas solenidades da abolição. Junto do espírito magnânimo da princesa, conserva-se Ismael com a benção da sua generosa e doce alegria. Foi por isso que Patrocínio, intuitivamente, no arrebatamento do seu jubilo, arrastou-se de joelhos até aos pés da princesa piedosa e cristã. Por toda a parte, espalharam-se alegrias contagiosas e comunicativas esperanças. O marco divino da liberdade dos cativos erguia-se na estrada da civilização brasileira, sem a maré incendiária da metralha e do sangue.

Os negros e os mestiços do Brasil sentiram

no coração o prodigioso potencial de energias da sub-raça, com que realizariam gloriosos feitos de trabalho e de heroísmo na edificação de todos os patrimônios da pátria do Evangelho, olhando o caminho infinito do futuro. E, nessa noite, enquanto se entoavam hosanas de amor no Grupo Ismael e a princesa imperial sentia, na sua grande alma, as comoções mais ternas e mais doces, os pobres e os sofredores recebendo a generosa dádiva do céu iam-se reunir, nas asas cariciosas do sono, aos seus companheiros da imensidade, levando ás Alturas o preito do seu reconhecimento a Jesus, que, na sua misericórdia infinita, lhes havia outorgado a carta de alforria incorporando-os, para sempre, ao organismo social da pátria generosa dos seus sublimes ensinamentos.